

DUAS TECNOLOGIAS DE UM LIVRO: ALFABETIZAR EM LINGUAGENS

TWO TECHNOLOGIES OF A BOOK: LITERACY IN LANGUAGES

Ana Elisa Ribeiro
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
anadigitalpro@gmail.com

Amanda Ribeiro Barbosa
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
arb.uemg@gmail.com

RESUMO

A fim de abordar questões de letramento e alfabetização de crianças, em especial sob uma perspectiva semiótica que considera a multimodalidade como aspecto fundante de certos materiais, elegemos e analisaremos um livro de “literatura infantil”, produzido por uma pequena casa editorial brasileira, em versões impressa e digital, tratando de apontar elementos que os tornam objetos de ler multimodais, de modos diferentes, e que relações isso estabelece com o aprendizado da leitura, desde tenra infância, com a mediação do/a professor/a. A formação de professores/as também está em pauta, na medida em que é necessário pensar sobre tecnologias digitais e novas possibilidades de leitura no processo de alfabetização contemporâneo, isto é, posicionando-se no contexto atual de possibilidades/oportunidades midiáticas inescapáveis (smartphones e telas de todo tipo).

Palavras-chave: Multimodalidade; Literatura Infantil; Livro Digital; Leitura.

ABSTRACT

In order to address children’s literacy, especially from a semiotic perspective that considers multimodality as a founding aspect of certain materials, we will elect and analyze a “children’s literature” book, produced by a small Brazilian publishing house, in print and digital versions, trying to point out elements that make them suitable for multimodal reading, in different ways, and what relationships this establishes with the learning of reading, since early childhood, with the mediation of the teacher. Teacher training is also on the agenda, as it is necessary to think about digital technologies and new reading possibilities in the contemporary literacy process, that is, positioning oneself in the current context of inescapable media possibilities / opportunities (smartphones and screens of all kinds).

Keywords: Multimodality; Literature for Children; E-book; Reading.

Considerações iniciais sobre livros, tecnologias e multimodalidade

Este trabalho¹ partirá de duas premissas e uma percepção: (a) a de que todos os textos são multimodais, conforme defendia Gunther Kress (2003) e em coautoria com Theodore Van Leeuwen (1998) ou mesmo no manifesto pela “pedagogia dos multiletramentos” (CAZDEN et al, 1996), segundo a qual seria imperativo, dos anos finais do século XX em diante, abordar os textos em telas e em diversas linguagens; (b) a de que a materialidade dos textos ou sua forma de circulação importa e tem efeitos

¹ Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), projeto APQ 0002118. Às organizadoras do dossiê. Ao POSLING CEFET-MG, por resistir.

sobre os sentidos percebidos pelo/a leitor/a (CHARTIER, 2002; KRESS, 2003); (c) nossa experiência em práticas sociais cada vez mais diversas, em que tecnologias da leitura se mesclam nas mãos de leitores e leitoras de todas as idades², em especial os/as mais jovens, que tomam certos dispositivos como fatos sociais, sem a vivência de “paisagens comunicacionais” (KRESS, 2003) anteriores. Tal fato não desqualifica leitores/as anteriores ou mais velhos/as, nem superqualifica leitores/as mais jovens, como certos discursos querem fazer crer³, mas apenas aponta para uma diversidade de possibilidades que está no mundo, embora nem sempre seja acessível a todos/as, democraticamente, isto é, numa relação que depende mais de aspectos socioeconômicos do que geracionais.

No Brasil, uma parcela da população que tem acesso a dispositivos como computadores móveis, tablets, e-readers e mesmo smartphones, em especial os conectados à internet, pode consumir aplicativos e outros produtos relacionados ao mercado editorial, setor econômico que vem passando por mudanças importantes, nas últimas décadas⁴. Trata-se de um setor ligado à educação, no sentido de que grande parte da produção editorial brasileira produz com vista à venda direta para o Estado, em todas as esferas (municipal, estadual e federal), a fim de atender ao escoamento para as escolas públicas. A produção de obras didáticas, paradidáticas e infantis ou juvenis é fortemente guiada pelas possibilidades dos editais públicos, que terminam por sustentar esse setor, em especial nesses segmentos⁵.

A despeito da concorrência entre grupos editoriais de grande porte e mesmo em reação à concentração editorial, no final da década de 1990, e também em decorrência de inovações tecnológicas que mudaram o perfil de produção para livros impressos, muitas editoras pequenas surgiram e passaram a produzir livros em catálogos muito específicos, em tiragens baixas, geralmente alegando maior liberdade temática e mesmo experimentando formatos, como é o caso dos livros aplicativos.

O livro que abordaremos neste artigo – Amal e a viagem mais importante de sua vida – existe neste contexto de um mercado editorial diverso, oxigenado por empresas de pequeno porte e que chegam ao/à leitor/a empregando todos os formatos possíveis, isto é, circulam em sua forma de livro impresso, com as características que o código de papel pode ter, carreando sentidos que este objeto multimodal reúne, e também em formato digital, podendo ser baixado em dispositivos que apresentam ao/à leitor/a um outro modo de ler e de perceber sentidos.

Em Sehn, Fragoso e Aymone (2018), há uma proposta de categorização dos tipos de livros digitais existentes, sob uma abordagem que considera as materialidades desenhadas e possíveis e os modos de interação com esses objetos, elementos que certamente estão em constante mudança tecnológica. Não nos interessa tanto classificar nosso objeto de atenção, Amal..., como deste ou daquele tipo, senão enfrentar o fato de que ele põe em xeque uma noção muito estrita de livro, de obra e mesmo de leitura, vez que se avizinha de uma experiência diversificada. Trata-se de um livro de duas “versões” – impressa e digital –, cada qual com suas características inerentes às suas naturezas tecnológicas, e que mesclam as possibilidades atuais, tanto do ponto de vista da produção (planejamento, desenho gráfico-editorial, escoamento, marketing, etc.) quanto da leitura. Conforme apontam Sehn, Fragoso e Aymone (2018, p. 111), “As novas configurações que a passam a ser possíveis com a digitalização dos livros colocam em xeque a própria definição sobre o que é ou possa vir a ser um

2 Discutimos, com exemplos, esta questão em Ribeiro (2019a), mostrando como jovens do ensino médio simplesmente alternam seus dispositivos de leitura diária, conforme sua necessidade e conveniência.

3 Há um discurso em circulação, e talvez ele seja hegemônico, que afirma a relativa “vantagem” ou “superioridade” de uma juventude pretensamente conectada e experta em tecnologias. Em Ribeiro (2019), reagimos a essa ideia, por exemplo.

4 Do ponto de vista tecnológico, comentamos a relação entre os prêmios e os livros digitais infantis em Ribeiro (2018).

5 O setor vem passando por uma crise profunda, desde pelo menos o governo de Michel Temer, muito agravada no governo de J. Bolsonaro.

livro”⁶, a depender do que se deseja aproveitar de cada tecnologia. Os objetos mesmos nos interpelam, com suas existências e experiências distintas, transformando nossas práticas, enquanto também os transformamos.

A multimodalidade, como a entendemos, será aqui considerada e passa não apenas pelo aspecto verbo-visual da obra, que é evidentemente composta de palavra e imagem, mas por seus elementos modais de outras naturezas, como som e movimento, assim como por seus apelos tecnológicos, isto é, seus formatos impresso ou digital, que se confundem um pouco com suas possibilidades de circulação. Um livro impresso existirá e circulará pelas vias conhecidas: gráfica, livraria, correios, etc., e dependerá de outra mídia adjunta – CD, pendrive, etc. –, caso pretenda oferecer uma experiência com narração ou música, por exemplo. É uma possibilidade já há muito explorada pela edição de obras para crianças, mas que estabelece uma relação que poderíamos chamar de “justaposição” entre mídias, é o/a leitor/a que executa os diferentes objetos de maneira sincronizada ou não. Um livro digital “existirá” de outro modo, transmitido de um servidor a um dispositivo na forma de zeros-e-uns, para ser lido em displays diferentes, isto é, às vezes dedicados (tal como um e-reader), às vezes não (tal como a leitura em tablets, que servem para a visualização de vários outros produtos). A ocorrência de som ou narração, por exemplo, acontece no próprio equipamento, numa relação que podemos chamar de “genética” entre os modos semióticos. Não é preciso “parear” várias mídias, sendo suficiente acionar as possibilidades oferecidos pela própria obra. Podemos lembrar aqui nomes como “hipermídia” ou a noção de “convergência”, difundida por Henry Jenkins (2012).

Daí decorre que as possibilidades de leitura são mais diversas neste século, assim como os dispositivos onde ler. Os níveis de multimodalidade variam ou se modulam diferentemente, conforme a escolha do/a editor/a e/ou do/a leitor/a, assim como talvez possamos falar em possibilidades de mediação que dependem de novas aprendizagens, o que não parece apresentar dificuldades para leitores/as destemidos/as e dispostos/as a experimentações.

Certa parcela dos/as leitores/as brasileiros/as é capaz de adquirir obras literárias que, além de estarem disponíveis em livrarias, podem ser baixadas em dispositivos que estão nas mãos das crianças. Nos dias que correm, smartphones e tablets têm uma função de entretenimento comparável, salvas as proporções, com o que a televisão já foi, tempos atrás. Vamos aqui focalizar as possibilidades de uma obra dirigida às crianças e produzida por uma casa editorial de pequeno porte, a Editora Caixote, de São Paulo, que vem experimentando, com sucesso, as possibilidades da edição de livros, principalmente digitais, em tiragens pequenas e com finalidades que vão além da leitura de entretenimento.

Uma obra ou várias possibilidades de uma obra

Amal e a viagem mais importante da sua vida é o quarto dos cinco livros que compõem o catálogo da Editora Caixote. Desde 2014, a editora paulista publica livros digitais para crianças, gratuitos ou a preços baixos, disponíveis em plataformas de compra de aplicativos. Os dois primeiros, Pequenos grandes contos de verdade, do artista chinês Oamul Lu, e Quanto bumbum!, escrito pela editora Isabel Malzoni e ilustrado por Cecília Esteves, conquistaram o Prêmio Jabuti, na categoria Infantil Digital, nos anos de 2016 e 2017⁷. O livro da menina Amal, no entanto, se destaca por outras razões.

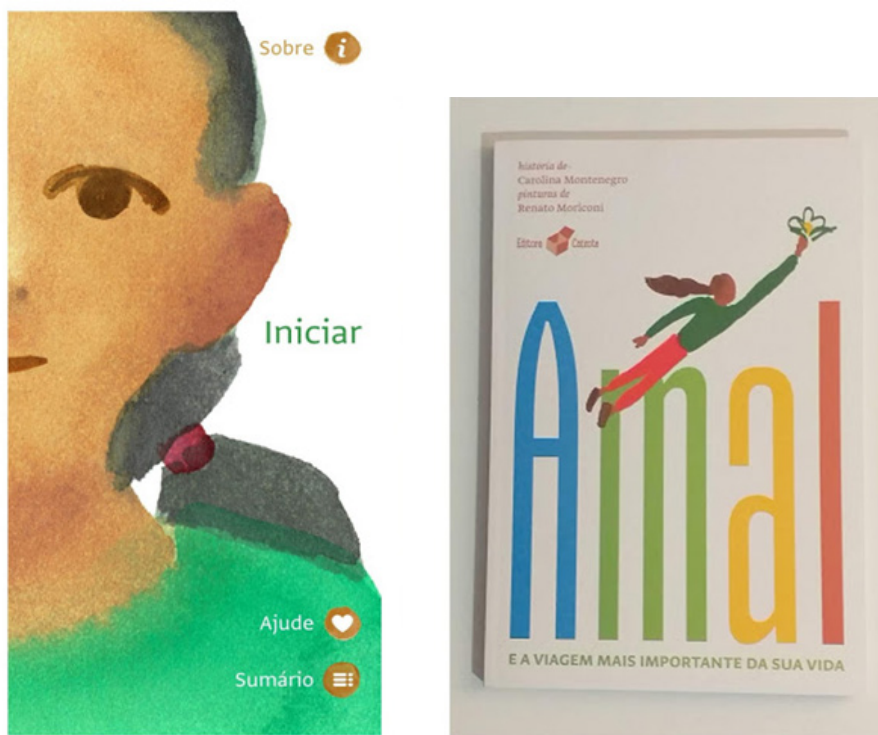
6 Já vínhamos discutindo essas diferenças e complexidades em muitos artigos e capítulos, que podem ser encontrados reunidos em Ribeiro (2018).

7 Discutimos essa relação dos prêmios com os livros digitais em Ribeiro (2018). Grosso modo, consideramos que a existência de prêmios de prestígio nestas categorias impulsiona o mercado dos livros digitais, ainda pouco relevante no Brasil e na maior parte do mundo.

Resultado da parceria entre a Caixote e a produtora Webcore Games, a história de Carolina Montenegro e a narrativa visual de Renato Moriconi têm o apoio da ACNUR, Agência da ONU para Refugiados no Brasil. Amal é uma menina que, ainda bebê, perdeu os pais na Guerra do Iraque; seu avô conseguiu fugir para a Síria, levando-a consigo. Aos 12 anos, após uma noite de bombardeios no vilarejo em que morava, Amal foi surpreendida por seu avô com a notícia de que deveria fugir novamente, mas, dessa vez, sozinha, antes que a guerra se agravasse. A jornada da menina para a Itália retrata a realidade de centenas de milhares de crianças refugiadas e coloca o/a leitor/a em contato com informações sobre as guerras e algumas instituições que se dedicam a mitigar seus efeitos.

Outro ponto de destaque do livro-aplicativo⁸ é que ele pode ser baixado gratuitamente na App Store e na Google Play⁹, sob a justificativa de “poder chegar à muita gente”. No menu principal, a opção “Ajude” convida o/a leitor/a a “ajudar a manter e expandir o projeto, que também contribui para ações humanitárias do ACNUR”¹⁰, e disponibiliza opções de valores — que variam de R\$0,99 a R\$49,99 — para uma contribuição voluntária. Por fim, a terceira e última razão pela qual Amal e a viagem mais importante da sua vida se diferencia dos demais livros do catálogo é o fato de ter sido o primeiro a ser produzido também no formato impresso — o único do catálogo em ambos os formatos.

FIGURA 1. Capas do aplicativo e do livro impresso.



FONTE: Printscreen da versão digital e fac-símile das autoras.

Apesar de contarem a mesma história, cada edição disponibiliza recursos diferentes ao livro, proporcionando experiências distintas entre o/a leitor/a que adquire o impresso, por meio da compra on-line, e o/a que acessa o digital, pela App Store. Observamos que essa distinção não provoca

8 Termo utilizado no site da editora. Ver em <<http://www.editoracaixote.com.br/amal/>>.

9 São lojas de compra ou acesso a aplicativos ligadas a gigantes das tecnologias, como a Google e a Apple.

10 O texto completo pode ser acessado na opção “Ajude” do aplicativo.

alguma espécie de hierarquia entre eles; a diversidade dos recursos compensa as características intrínsecas de cada formato.

O autor-ilustrador Renato Moriconi¹¹ produziu materiais específicos para cada edição. Logo nas “capas”, percebemos as diferenças (Fig. 1): no aplicativo, se considerarmos que o menu principal exerce função análoga à da capa do códex, a menina Amal aparece em primeiro plano. Metade do seu rosto e colo contornam a tela em branco; a expressão de seu olho e seu quase sorriso, que não aparecem novamente ao longo da história, em nenhum dos formatos, revelam características da personagem. A figura de Amal está em evidência, destacada, e os ícones que direcionam o/a leitor/a à narrativa e a outros conteúdos estão distribuídos no espaço em branco e no verde de sua camisa. No impresso, enquanto o nome “Amal” preenche mais da metade da capa e o restante do título se assemelha a uma nota de rodapé, as informações de autoria e edição ocupam o canto esquerdo superior. A menina aparece de corpo inteiro, flutuando sobre o seu nome, buscando alcançar uma flor no ar. Apesar de seu rosto não apresentar olhos, nariz e boca, o mesmo efeito de leveza e serenidade retratado no aplicativo é atingido aqui.

Moriconi mantém essa estratégia ao longo das edições: altera as ilustrações, mas conserva a narrativa visual. Na versão digital, elas são animadas, mas não podem ser acionadas pelo/a leitor/a. As pinturas surgem em momentos específicos, exploram o espaço da tela e desaparecem, sem permitirem que o/a leitor/a interaja ou interfira em seu percurso.

A seguir, mostramos um exemplo de como o mesmo trecho do texto verbal é ilustrado em cada um dos formatos. Na primeira imagem (Fig. 2), a ilustração ocupa uma das páginas, enquanto o texto ocupa a outra. Não há ilustrações “sangradas” no formato impresso, ou seja, elas obedecem ao limite da brochura, e sempre ocupam a página de número par, à esquerda. A segunda imagem (Fig. 3) mostra a sequência de capturas de tela em que a pintura animada surge no canto inferior da tela, se sobrepõe ao texto e desaparece acima, revelando-o novamente. A narração é interrompida no momento em que a ilustração se anima, permanecendo um fundo musical.

FIGURA 2. Distribuição imagem/texto no livro impresso.



FORNTE: Fac-símile das autoras.

11 Renato Moriconi é um dos mais prestigiosos ilustradores e autores de obras dirigidas às crianças do Brasil. Entre os trabalhos sobre ele está a de Adriana Gonçalves (2018).

FIGURA 3. Distribuição imagem/texto no livro-aplicativo.



FONTE: Printscreen da versão digital pelas autoras.

Na quarta capa do livro impresso não há ilustrações. O texto, espécie de convite à leitura, revela a frase, dita por seu avô, que muda a vida de Amal para sempre: “Amal, você precisa partir, e logo!”. A seguir, uma breve apresentação sinaliza que aquela é uma história que trata da realidade das crianças que fogem de guerras em busca de refúgio. No rodapé da página estão os emblemas do ProacSP¹², da apoiadora UNHCR ACNUR e do realizador Governo do Estado de São Paulo, além do código de barras com ISBN¹³. Nas segunda e terceira capas, ilustrações em azul remetem ao mar que Amal cruza, em um barco, em sua jornada; nas orelhas estão a divulgação do livro digital, um QRCode¹⁴ que encaminha o leitor para a loja de aplicativos e as breves biografias da escritora e do ilustrador.

O menu inicial do livro-aplicativo apresenta quatro palavras-ícones: “Sobre”, “Iniciar”, “Ajude” e “Sumário”. Na primeira delas, estão reunidas informações sobre o processo de produção do livro, a justificativa para a escolha do tema e da estratégia de venda, que tem o “propósito de contribuir”. Alguns links redirecionam o/a leitor/a para outros ambientes virtuais: um deles contém o site da editora e permite o acesso a mais curiosidades sobre o projeto; outros três estão divididos em 1) pagar pelo app, 2) comprar o impresso e 3) compartilhar o aplicativo nas redes sociais. No final da seção, estão os créditos à equipe desenvolvidora do app — que inclui responsáveis pelo texto, idealização, direção editorial, consultoria, animações, interface, projeto gráfico, desenvolvimento, trilhas e efeitos visuais, narrações, traduções e apêndice —, além de agradecimentos da autora, da editora e da produtora. A já mencionada seção “Ajude”, que contém as opções de valores para contribuição, também lista algumas organizações e projetos relacionados a refugiados para que o/a leitor/a pesquise e descubra meios de apoiar, sendo este um vestígio importante sobre a leitura e a mediação desta obra, dirigida às crianças mas consumida pelos/as pais e mães.

12 Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Financia projetos culturais, incluindo livros.

13 International Standard Book Number ou o número exclusivo que cada livro recebe quando da publicação, caso o tenha solicitado. O número é internacional e ajuda a inserir o livro em alguma categoria e tema.

14 Trata-se de um código de barras bidimensional, geralmente um formato quadrado, que pode ser facilmente escaneado pela câmera da maioria dos telefones celulares. O código é convertido em texto, endereço eletrônico, número de telefone, localização georreferenciada, e-mail, contato ou SMS, conforme o que seja pertinente.

O “Sumário” é dividido em quatro capítulos: I. Síria; II. Turquia; III. Grécia; IV. Itália. Em ambos os formatos, os capítulos têm subdivisões, mas somente no digital é possível acessá-las diretamente, por meio de hiperlinks, elemento característico de ambientes digitais. Elas são identificadas pela miniatura de suas ilustrações; quando o/a leitor/a clica em uma delas, é automaticamente encaminhado/a para aquela parte da história.

No impresso, o sumário apresenta uma quinta parte: “Fatos e contextos”. Podemos considerar que esta última divisão concede ao impresso uma possibilidade tão rica quanto a que sons e animações proporcionam ao formato digital. Trata-se de um apêndice de trinta páginas com explicações e curiosidades sobre o livro, as crises migratórias, os direitos dos refugiados, a vida das crianças refugiadas etc. e, ainda, a bibliografia consultada e um glossário. Podemos perceber que Amal e a viagem mais importante de sua vida é um livro ou um projeto, a um tempo literário e informativo, e que editá-lo para os meios digital e impresso tem algumas intenções, para além da leitura literária ou de entretenimento: alcançar leitores/as e apoiadores/as, isto é, tratar de refugiados, no contexto atual, reúne objetivos ligados ao letramento em sentido muito mais amplo do que a fruição literária (que já seria um motivo importante, claro). Trata-se também de criar oportunidades de uma leitura crítica do mundo real, de acontecimentos que afetam nossas sociedades, possibilitando ainda uma efetiva participação na forma do “apoio” ou de doações que ultrapassam a existência dos livros e seus formatos. A versão digital, como se pode ver, faz essa ligação de modo direto, por meio de links, que podem ser acionados pela criança ou mediados por seus familiares.

Sobre a versão digital, o ícone “Iniciar” permite o acesso à história de Amal. Ao selecioná-lo, o/a leitor/a visita o link “Opções de leitura” (Fig. 4). Ali, vai escolher em qual língua deseja ou pode ler, português ou inglês, e se prefere ouvir uma narração. Se optar por ouvi-la, encontrará três opções, duas gratuitas e uma paga. A primeira gratuita é da editora Isabel Malzoni; a segunda, em inglês, é da cantora e atriz Oula al-Saghir, refugiada da Síria no Brasil desde 2015. A terceira opção de narração, também em português, é do cantor Leonardo Matumona, refugiado da República Democrática do Congo no Brasil desde 2012, e pode ser comprada sob a mesma justificativa de apoio ao projeto e de uma “nova experiência de leitura”.

FIGURA 4. Sumários do livro-aplicativo e do impresso, simultaneamente, e menu “Opções de leitura”.

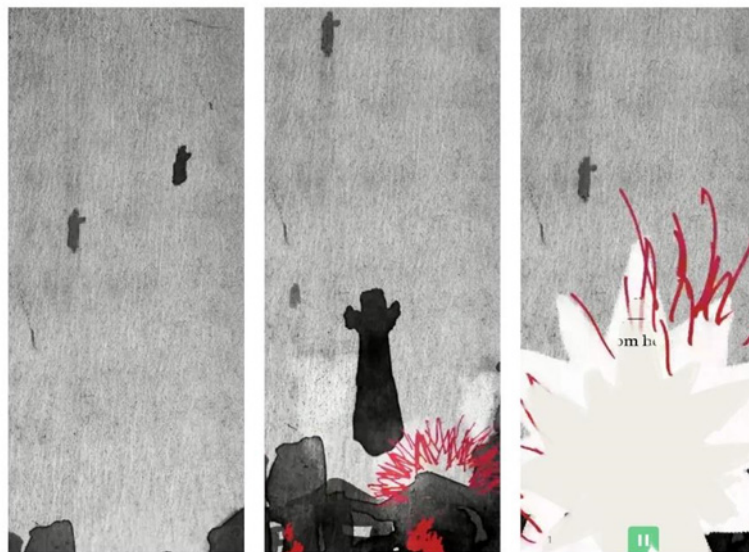


FONTE: Printscreen da versão digital e fac-símile das autoras.

Esta é uma característica dos dispositivos digitais inerente a eles e que oferece ao/à leitor/a a possibilidade de ouvir, além de ler, uma história narrada de maneira profissional e por pessoas que relacionam diretamente à produção do livro ou à problemática por ele tratada. Pode ser importante ouvir diferentes falares e atentar para essas opções no sentido de uma ampliação cultural e linguisticamente diversa. O livro impresso só trará possibilidades semelhantes se trouxer em anexo uma mídia, como já ocorreu com CDs e DVDs ou mesmo pendrives. Em outro caso, a narração dependerá mesmo de um/a adulto/a mediador/a, o que tem também grandes vantagens, do ponto de vista dos afetos e da leitura compartilhada.

Depois de selecionadas as opções de leitura, a história é iniciada. Enquanto as configurações são carregadas, um aviso sugere que o/a leitor/a utilize fones de ouvido. Uma animação faz aparecer uma nova capa — ou a capa oficial do livro-aplicativo, se desconsiderarmos o menu como capa: na tela de fundo branco, uma multidão de pessoas se afasta de Amal, que está centralizada, até sumir de cena e o letreiro com o nome do livro surgir acima da menina. Ao fundo, a música-tema, que toca assim que o app é iniciado, ganha um tom mais melancólico, assim como a expressão de Amal. Em seguida, num fundo acinzentado, bombas começam a cair em cima de pequenas casas; as explosões em vermelho fazem surgir o texto do primeiro capítulo (Fig. 5).

FIGURA 5. Menus do livro-aplicativo.



FONTE: Printscreen da versão digital pelas autoras.

Os efeitos sonoros estabelecem uma relação intertextual com a narrativa. Os narradores modulam suas vozes em função dos personagens, das entonações e dos estados emocionais. Os barulhos de carro, água e bombas, por exemplo, acompanham as ilustrações animadas e as músicas oscilam de acordo com tom requerido pelo trecho narrado. Moraes (2015) diz que, nesses casos, “a música acrescenta significado à obra, enriquecendo os efeitos do texto sobre o leitor”. Sobre essa relação simbiótica entre os recursos, a autora ainda afirma:

A articulação produtiva dos elementos multimodais da obra serve como pista para a construção da interpretação do leitor infantil. Nesta perspectiva, é preciso considerar como a multimodalidade pode proporcionar uma experiência literária rica e que pode ser objeto e instrumento no processo de formação de leitores competentes, capazes de operar com diferentes recursos semióticos na construção de sentido. (MORAES, 2015, p. 249)

Ao longo do texto verbal do livro-aplicativo, algumas palavras e expressões são destacadas por um sublinhado azul. Elas remetem predominantemente ao contexto da guerra ou a elementos das culturas de países do Oriente Médio. O destaque em azul gera um hiperlink que, quando clicado, faz abrir uma pequena janela (dentro do próprio aplicativo), com o significado ou a contextualização daquela palavra ou expressão. No impresso, elas são acompanhadas pelo símbolo “ * ” e seus significados estão reunidos no glossário, ao final. Somente a primeira palavra destacada, “Simbad”, é acompanhada de uma nota de rodapé que explica que o/a leitor/a deve se direcionar ao final do livro para encontrar o significado (Fig. 6).

FIGURA 6. Menus do livro-aplicativo e página do impresso.



FONTE: Printscreens da versão digital e fac-símile das autoras.

Esse tipo de diferença produz, a nosso ver, não apenas planejamentos editoriais também distintos, dada a natureza dos recursos possíveis e viáveis para cada situação, mas também possibilidades de recepção ou leitura significativamente diversas, sendo possível até mesmo pôr em discussão se estamos tratando do “mesmo livro”, uma vez que a experiência de leitura em um e outro são tão flagrantemente diferentes. Podemos falar em “versões”, como vimos tratando, mas podemos também encontrar argumentos que, na experiência de leitura e mediação, e mesmo na de produção, radicalizem essa categorização, levando-nos à ideia de que sejam obras diferentes, compreensão que tornará o texto-palavra um elemento menos definidor de um “livro” do que tem sido, em nossa cultura grafocêntrica. Se o texto é o mesmo, todo o resto não é, o que acarreta uma experiência de leitura distinta no impresso e no digital, a demandar mediações múltiplas e uma experiência de letramentos muito contemporânea. Ainda que o texto-palavra seja o mesmo, com as mesmas sequências de palavras, na mesma língua, a composição multimodal planejada e executada para cada versão transforma uma obra em pelo menos duas, do ponto de vista do produto editorial (e são vendidos e escoados de maneiras muito diferentes) e do ponto de vista da experiência de leitura. Os cortes sofridos pelo texto em cada suporte também afetam diretamente a experiência do/a leitor/a. Chartier (2010) comenta que a fragmentação da leitura, que já havia sido promovida pelo código, é acentuada no formato das telas:

A descontinuidade e fragmentação da leitura não têm o mesmo sentido quando acompanhadas pela percepção da totalidade textual encerrada no objeto escrito e quando a superfície luminosa que apresenta à leitura os fragmentos de escritos já não torna imediatamente visíveis os limites e a coerência do corpus ao qual pertencem como extratos. (CHARTIER, 2010, p. 8)

Se consideramos também o/a leitor/a nesta equação tão especial, teremos versões infinitas de ao menos duas obras, conforme as trilhas e experiências de leitura de cada pessoa. A leitura, isto é, a ação de ler um texto, a experiência de desvendá-lo, mudará conforme a materialidade acessada, sem privilégio de uma ou de outra, mas é de se considerar que as diferenças sejam inescapáveis e evidentes.

Fechar

Nossa experiência de séculos com os livros impressos ainda tem grande efeito sobre o que preferimos, tanto em relação às experiências de leitura quanto em relação aos discursos que replicamos ou reforçamos sobre a própria leitura, os objetos de ler e as tecnologias que dão a eles forma e operacionalidade. Embora existam, hoje, tantos modos de ler e tantas possibilidades de mescla entre as culturas digital e impressa, inclusive produzidas pelas mesmas editoras, a cultura escolar e suas práticas ainda se voltam à experiência com o papel e o códice, inclusive, em muitos casos, ecoando um discurso segundo o qual a cultura impressa seria de se considerar mais que as possibilidades digitais, tão novas e ainda tão desconhecidas. Se é possível experimentar a leitura conforme uma composição multimodal digital ou impressa, por que não fazê-lo, também em ambiente escolar, e não apenas com o intuito de distrair crianças e jovens?

Uma experiência de leitura em duas versões, tal como ocorre a Amal e a viagem mais importante da sua vida, se desdobra em pelo menos duas vivências, conforme a trilha que seguimos no impresso e no digital, não excludentes e não exclusivas. Ouvir a narração por uma pessoa refugiada e ouvir na voz da mãe, do pai ou de qualquer familiar permitem dois ambientes e dois sentidos absolutamente diversos e, ao mesmo tempo, em diálogo, ampliando possibilidades, o que nos parece um bom efeito da diversidade dos modos de alfabetização em linguagens e em multiletramentos, nos dias que correm. Na vigência de uma Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) tão aderente às ideias da pedagogia dos multiletramentos¹⁵, provoca-nos e move-nos a questão: por que não admitir tantas opções, se já as temos? Ao nosso ver, justamente porque a leitura vem se tornando cada vez mais complexa (COSCARELLI; NOVAIS, 2010) e exatamente por isso, nosso cenário de possibilidades de alfabetização e letramento ganha cores antes ocultas, mas dependerá de nossa compreensão e de nossa ação sobre a educação e a leitura para o século XXI.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Homologada. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 2 nov. 2019.

CAZDEN, Courtney et al. *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*. Harvard Educational Review, 66, p. 60-92, spring 1996.

¹⁵ A professora Roxane Rojo já vem atuando nesse sentido há anos, em diversas publicações. Ver, por exemplo, Rojo (2012). Da mesma forma, Carla Coscarelli (2012), com outras preocupações.

- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Escutar os mortos com os olhos*. Estudos avançados, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010.
- COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. *Letras de Hoje*, v. 45, n. 3, 2010.
- COSCARELLI, Carla Viana. Hipertexto no cotidiano escolar: uma realidade possível. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 12, p. 205-207, 2012.
- GONÇALVES, Adriana Rodrigues. *A prosa pelo traço: uma discussão sobre o livro-imagem*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2018.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2012.
- KRESS, Gunther. *Literacy in the New Media Age*. London/New York: Routledge, 2003.
- MORAES, Giselly Lima de. Do livro ilustrado ao aplicativo: reflexões sobre multimodalidade na literatura para crianças. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 46, p. 231-253, jul./dez. 2015.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SEHN, Thais C. Martino; FRAGOSO, Suely; AYMONE, José Luís Farinatti. A caracterização dos livros digitais a partir de sua materialidade. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 30, p. 111-129, jul./dez., 2018.

Recebido em: 16/09/2020

Aceito em: 27/10/2020